

PROPOSTA DE EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO CONTO "A ENCHENTE", DE MANUEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELLES

PROPOSAL FOR CRITICAL-GENETIC EDITION OF THE TALE "A ENCHENTE", BY MANUEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELLES

Renata Ferreira COSTA¹

RESUMO: Na produção do escritor Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), um dos maiores difusores da história cultural sergipana, destaca-se a obra *Sergipenses*, uma coletânea de 29 textos ficcionais e não ficcionais produzidos em diversas épocas sobre variados assuntos relacionados a Sergipe. Um desses textos, um conto intitulado "A enchente", possui uma tradição textual composta por dois manuscritos autógrafos e duas edições impressas. O confronto desses testemunhos permite apontar diferenças linguísticas no texto da narrativa, como inserções, supressões, substituições e alterações de ordem. Desta forma, fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Filologia, em sua vertente de Crítica Textual e de Crítica Genética, este trabalho tem como objetivo geral apresentar uma proposta de edição crítico-genética desse conto. Como objetivos específicos propõe-se recuperar a gênese de "A enchente", cotejar os testemunhos manuscritos e impressos com vistas a identificar e analisar as variantes textuais autorais e apresentar um texto crítico. O estudo filológico que se pretende apresentar é fundamental para evidenciar o processo de reescrita operado por Oliveira Telles, possibilitando compreender as alterações realizadas e, em última instância, a gênese de um de seus textos e o seu processo criativo, além de permitir preencher uma lacuna no campo dos estudos literários sobre o autor.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Textual. Edição Crítico-Genética. Literatura Sergipana. Oliveira Telles.

ABSTRACT: In the production of the writer Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), one of the greatest disseminators of Sergipe's cultural history, *Sergipenses* stands out, a collection of 29 fictional and non-fictional texts produced at different times on various subjects related to Sergipe. One of these texts, a tale entitled "A enchente", has a textual tradition composed of two autograph manuscripts and two printed editions. The comparison of these testimonies allows to point out linguistic in the text of the narrative, such as insertions, deletions, substitutions and changes in order. Thus, based on the theoretical and methodological assumptions of Philology, in its aspect of Textual Criticism and Genetic Criticism, this work has the general objective of presenting a proposal for a critical-genetic edition of this tale. As specific objectives it is proposed to recover the genesis of "A enchente", to compare the manuscript and printed testimonies in order to identify and analyze the author's textual variants and present a critical text. The philological study that we intend to present is fundamental to highlight the rewriting process operated by Oliveira Telles, making it possible to understand the changes made and, ultimately, the genesis of one of his texts and his creative process, besides allowing to fill a gap in the field of literary studies about the author.

KEYWORDS: Textual Criticism. Critical-Genetic Edition. Sergipana Literature. Oliveira Telles.

1. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo; Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas, do Programa de Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil; E-mail: renataferreiracosta@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4263-4955>.

Introdução

A importância de editar textos manuscritos ou reeditar textos impressos encontra-se no fato de que os textos, seja qual for a sua natureza, apresentam, em menor ou maior grau, alterações incorporadas pela intervenção de copistas (dadas as sucessivas cópias manuscritas que se poderia fazer de um mesmo texto), revisores, tipógrafos ou editores, de modo que já não se reconhece a última intenção de seu autor. Há que se considerar ainda que a produção de um texto escrito não se configura como um produto, mas como um processo complexo, que demanda uma série de operações autorais, que vai do planejamento aos sucessivos momentos de reescrita.

É nesse contexto que se insere a importância de edições que contêm textos apurados, ou seja, textos criticamente estabelecidos de acordo com sua origem autoral. Daí a relevância de dar a conhecer ao público-leitor textos fidedignos, livres das alterações realizadas por terceiros através de sucessivas cópias manuscritas ou edições impressas, ou que permitam demonstrar os bastidores de sua criação, enfim, textos que podem ser lidos e analisados com confiança, porque foram estabelecidos com rigor filológico. Esta é, então, a tarefa primordial da Filologia: o estabelecimento do texto,

[...] tarefa para que convergem directa ou indirectamente todos os esforços do filólogo, consistindo em preparar para uso do leitor uma cópia de determinado texto, geralmente sob a forma de edição crítica: por um lado são eliminados os erros introduzidos no decurso da transmissão textual e, por outro, são mantidos todos os traços que, sendo coerentes entre si e coerentes com o sentido e a natureza do texto (tal como o filólogo o entende), se presume sejam de origem autoral (CASTRO, 1995, p. 515).

Dessa forma, fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Filologia, em sua vertente de Crítica Textual e de Crítica Genética, este trabalho visa apresentar uma proposta de edição crítico-genética do conto intitulado "A enchente", do escritor Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), um dos maiores difusores da história cultural sergipana.

Esse conto, que faz parte da obra *Sergipenses*, uma coletânea de 29 textos ficcionais e não ficcionais, possui como tradição testemunhal dois manuscritos e dois impressos. O confronto desses testemunhos permite apontar diferenças linguísticas no texto da narrativa, como inserções, supressões, substituições e alterações de ordem. Ademais, há que se considerar que o texto que se conhece de "A enchente" é a lição transmitida pela edição impressa de *Sergipenses*, a qual não representa a última forma dada por seu autor.

O estudo filológico que se apresenta é fundamental para evidenciar o processo de reescrita operado por Oliveira Telles, possibilitando compreender as alterações realizadas e, em última instância, a gênese de um de seus textos e o seu processo criativo, além de permitir preencher uma lacuna no campo dos estudos literários sobre o autor.

Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935) e sua obra

O escritor brasileiro Manuel dos Passos de Oliveira Telles, nascido em 29 de agosto de 1859, na Vila de Nossa Senhora do Socorro do Tomar da Cotinguiba, atual Município de Nossa Senhora do Socorro, foi um homem de cultura elevada e vultosa produção intelectual, apesar de, em grande parte, inédita. Viveu em Sergipe, sua terra natal, a maior parte da vida, enquanto seus companheiros emigraram do menor estado do Brasil, ainda muito provinciano, para estabelecerem-se nos grandes centros de cultura da época, como Salvador, Recife e, principalmente, o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições para o seu desenvolvimento intelectual e a divulgação de seu trabalho.

Embora não ter tido o reconhecimento que queria tenha levado Oliveira Telles a se ressentir e se autodenominar um “obscuro” – “Vivo longe dos centros de atividade literária e sou como uma sombra de outr’ora em face dos intelectuais que sabem progredir. Eu não sei: sou um obscuro” (TELLES, “Cartas Íntimas e Literárias”, fol. 128 *apud* CHIZOLINI, 2005, p. 24-25) –, nem por isso pode ser considerado um escritor menor, já que a peculiaridade de sua obra reside justamente na observação atenta da gente e das coisas próprias da terra sergipana, que certamente a distância poderia ter tornado menos expressivas.

De acordo com Costa (2017, p. 55), Oliveira Telles não teve a preocupação de publicar em larga escala a sua obra, de modo que em seu acervo pessoal, sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), há uma diversidade de textos autorais sobre a história e os costumes regionais, de grande relevância para a historiografia sergipana, mas inéditos ou que foram publicados esparsamente na imprensa.

Considerado o “precursor de uma história da cultura local”, como afirma Freitas (2004), destaca-se em sua produção a obra *Sergipenses*, que teve apenas duas edições impressas, a edição *princeps*, de 1903, e a segunda edição, de 2013, reprodução da primeira. É uma coletânea de 29 textos ficcionais e não ficcionais produzidos em diversas épocas sobre variados assuntos sobre Sergipe, “nos domínios da geografia e história, linguística (etimologia indígena), etnografia e folclore, bem assim da crítica literária” (LIMA, 2013, p. 10).

Tradição textual do conto “A enchente”

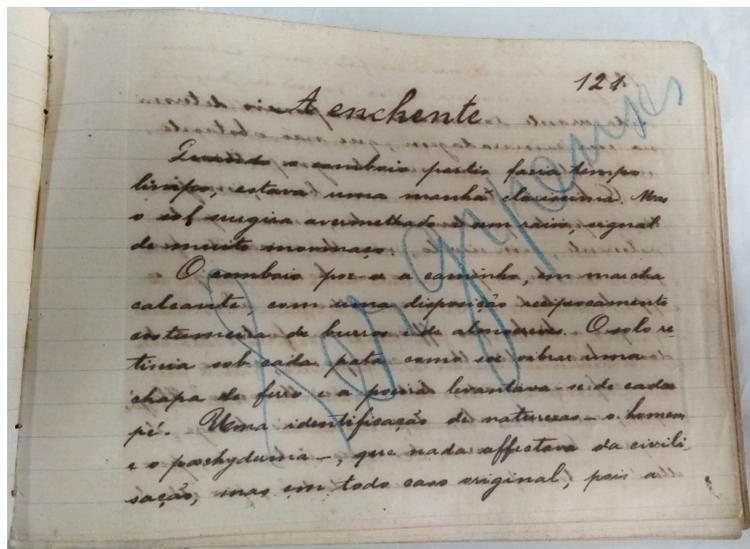
Um dos textos que compõe a coletânea *Sergipenses* é o conto intitulado “A enchente”, uma narrativa em 3ª pessoa que relata a aventura de um grupo de camponeses do interior de Sergipe rumo à capital, para vender sua produção agrícola na feira. Nesse dia, uma forte chuva faz o rio encher e causa um grande transtorno para os viajantes, que perdem parte de sua carga e um de seus animais.

Esse texto possui uma tradição textual composta por dois manuscritos autógrafos e duas edições impressas.

Testemunho A

O testemunho A é um manuscrito autógrafo datado de 1895, em São Cristóvão/SE. O texto foi escrito entre as páginas 121 e 135 de um caderno de anotações pautado, costurado, mas com perda das capas, com 39 fólios numerados na margem superior direita e medindo 31,9 x 21,5 cm (IHGSE, Fundo Oliveira Telles, Cx. 191, doc. 022), que contém uma coletânea “inédita”² de artigos diversos.

Figura 1: Manuscrito de “A enchente” em caderno de anotações (página 121)



Fonte: Dados da pesquisa.

A enchente

Quando o comboio partio fazia tempo | limpo, estava uma manhã clarissima. Mas | o sol surgira avermelhado e sem raios, signal | de muito mormaço. || O comboio poz-se a caminho, em marcha | calcante, com uma disposição reciprocamente | costumeira de burros e de almocreves. O solo re-| tinia sob cada pata como soe vibrar uma | chapa de ferro e a poeira levantava-se de cada | pé. Uma identificação de naturezas – o homem | e o pachyderma –, que nada affectava da civili-| sação, mas em todo caso original; pois a

Testemunho B

O testemunho impresso B compõe a edição *princeps* do livro *Sergipenses – escritos diversos*³, publicada em 1903, na tipografia do jornal O Estado de Sergipe. São sete

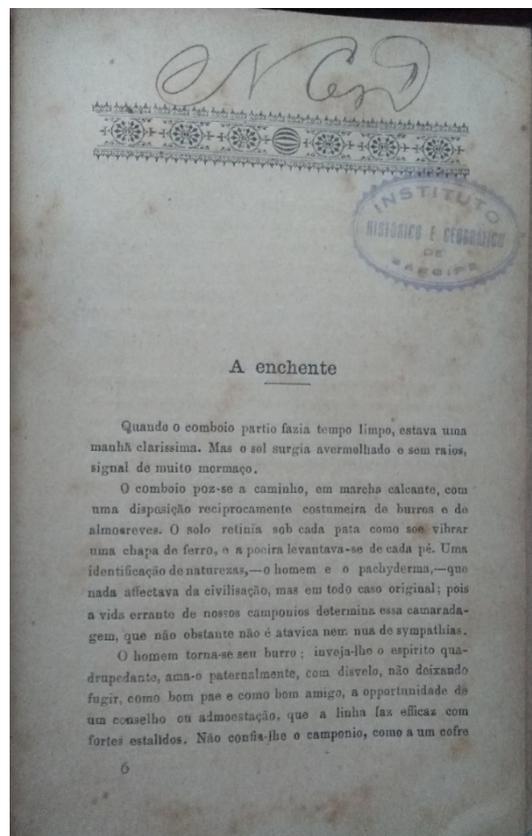
2. Considera-se inédito o conteúdo desse caderno em seu conjunto, embora alguns dos textos que o compõem já tenham sido publicados isoladamente na imprensa.

3. Consultou-se o exemplar do acervo da biblioteca do IHGSE.

páginas, numeradas de 41 a 47, com indicação do local e data de produção do texto – “São Cristóvão, 1895”.

Vale apontar que não consta do manuscrito de *Sergipenses*, salvaguardado no Fundo Oliveira Telles do IHGSE (Cx. 187, doc. 004), o texto de “A enchente”. Esse fato levanta a hipótese de que esse manuscrito não foi a versão levada à tipografia para publicação, ou seja, o manuscrito de imprensa, no qual figuraria o referido conto. Logo, existiu um manuscrito de *Sergipenses*, que se reputa perdido, diferente do testemunho que se encontra no Instituto.

Figura 3: O conto “A enchente” na edição *princeps* de *Sergipenses* (página 41)



Fonte: Dados da pesquisa.

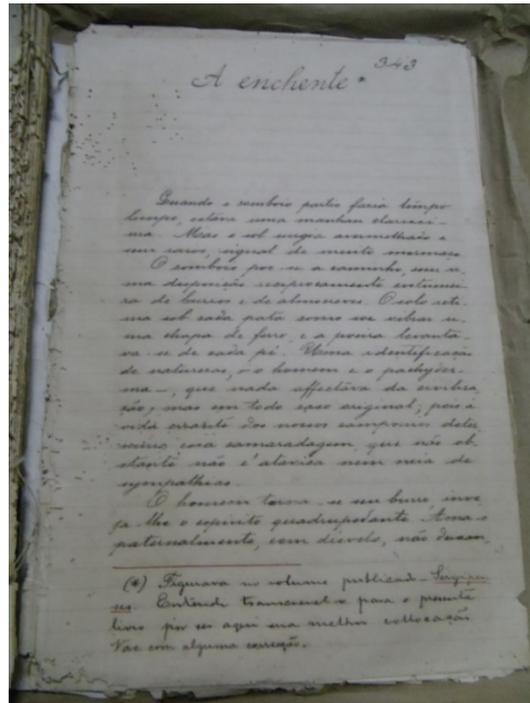
A enchente

Quando o comboio partio fazia tempo limpo, estava uma | manhã clarissima. Mas o sol surgia averme-
lhado e sem raios, | signal de muito mormaço. || O comboio poz-se a caminho, em marcha calcante,
com | uma disposição reciprocamente costumeira de burros e de | almocreves. O solo retinia sob cada
pata como soe vibrar | uma chapa de ferro, e a poeira levantava-se de cada pé. Uma | identificação
de naturezas, – o homem e o pachyderma, – que | nada affectava da civilisação, mas em todo caso ori-
ginal; pois | a vida errante dos nossos camponios determina essa camarada-| gem, que não obstante
não é atavica nem nua de sympathias. || O homem torna-se seu burro; inveja-lhe o espirito qua-| dru-
pedante, ama-o paternalmente, com disvelo, não deixando | fugir, como bom pae e como bom amigo,
a opportunidade de | um conselho ou admoestação, que a linha faz eficaz com | fortes estalidos. Não
confia-lhe o campônio, como a um cofre

Testemunho C

Um livro “inédito” intitulado *Contos e Novelas Sergipenses* (IHGSE, Fundo Oliveira Telles, Cx. 186, doc. 001), encadernado, com 180 fôlios de dimensão de 21,1 x 31,7 cm e páginas numeradas na margem superior central, registra o testemunho C, um manuscrito autógrafo datado entre 1911 e 1912⁴, escrito entre as páginas 341 e 350.

Figura 2: Manuscrito de “A enchente” em *Contos e Novelas Sergipenses* (página 343)



Fonte: Dados da pesquisa.

A enchente*

Quando o comboio partio fazia tempo | limpo, estava uma manhan clarissi-| ma. Mas o sol surgia aver-
melhado e | sem raios, signal de muito mormaço. || O comboio poz-se a caminho, com u-| ma disposi-
ção reciprocamente costumei-| ra de burros e de almocreves. O solo reti-| nia sob cada pata como soe
vibrar u-| ma chapa de ferro, e a poeira levanta-| va-se de cada pé. Uma identificação |
de naturezas, – o homem e o pachyder-| ma –, que nada affectava da civiliza-| ção, mas em todo caso original; pois a |
| vida errante dos nossos camponios deter-| mina essa camaradagem, que não ob-| stante não é atavica
nem nua de | sympathias. || O homem torna-se seu burro, inve-| ja-lhe o espirito quadrupedante.
Ama-o | paternalmente, com disvelo, não deixan-

É interessante observar que há um asterisco ao lado do título do conto, que remete a uma nota de rodapé com a seguinte informação: “(*) Figurava no volume publicado – Sergipen | ses. Entendi transcrevel-o para o presente livro por ter aqui uma melhor

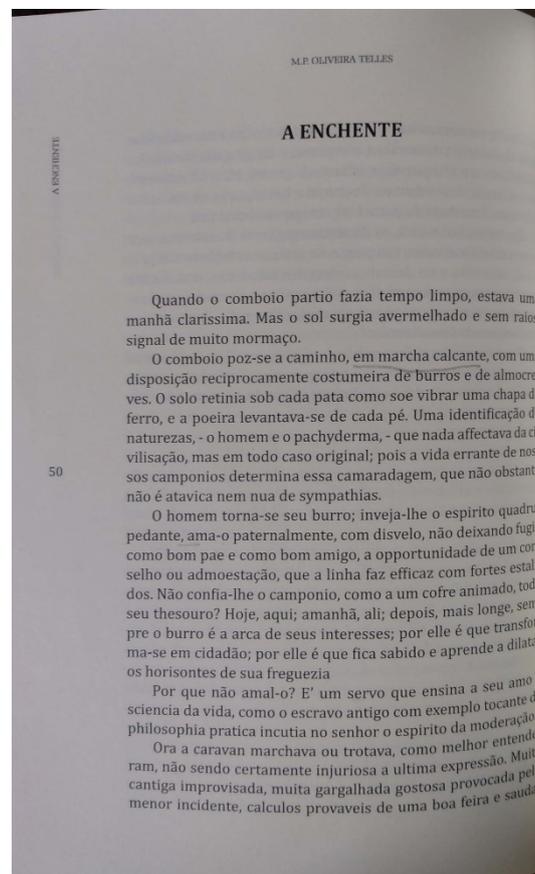
4. Destaca-se a indicação das datas tópica e cronológica correspondentes à produção inicial do conto – “São Cristóvão, 1895”.

colocação. | Vae com alguma correcção”. Essa é uma importante indicação, fornecida pelo próprio autor, de que o conto já havia sido publicado no livro *Sergipenses*, em 1903, mas seria melhor que o texto, com algumas modificações, integrasse a coletânea *Contos e Novelas Sergipenses*. Essa é, portanto, a última forma autoral de “A enchente”.

Testemunho D

Em 2013, sob iniciativa do IHGSE, com apoio da editora da Universidade Federal de Sergipe, *Sergipenses – escriptos diversos* foi reeditada. Sendo uma reprodução da primeira edição da obra, também apresenta, entre as páginas 50 e 54, o texto de “A enchente”.

Figura 4: O conto “A enchente” na 2ª edição de *Sergipenses* (página 50)



Fonte: Dados da pesquisa.

A ENCHENTE

Quando o comboio partio fazia tempo limpo, estava uma | manhã clarissima. Mas o sol surgia avermelhado e sem raios, | signal de muito mormaço. || O comboio poz-se a caminho, em marcha calcante, com uma | disposição reciprocamente costumeira de burros e de almocre-| ves. O solo retinia sob cada pata como soe vibrar uma chapa de | ferro, e a poeira levantava-se de cada pé. Uma identificação de | naturezas, – o homem e o pachyderma, – que nada affectava da ci-| vilisação, mas em todo caso ori- ginal; pois a vida errante dos nos-| sos camponios determina essa camaradagem, que não obstante | não é atavica nem nua de sympathias. || O homem torna-se seu burro; inveja-lhe o espirito quadru-|

pedante, ama-o paternalmente, com disvelo, não deixando fugir, como bom pae e como bom amigo, a oportunidade de | um conselho ou admoestação, que a linha faz eficaz com | fortes estalidos. Não confia-lhe o camponio, como a um cofre animado, todo | seu thesouro? Hoje, aqui; amanhã, ali; depois, mais longe, sem-| pre burro é a arca de seus interesses; por elle é que transfor-| ma-se em cidadão; por elle é que fica sabido e aprende a dilatar | os horisontes de sua frequenzia. || Por que não amal-o? É um servo que ensina a seu amo a | sciencia da vida, como o escravo antigo com exemplo tocante de | philosophia pratica incutia no senhor o espirito da moderação. || Ora a caravan marchava ou trotava, como melhor entende-| ram, não sendo certamente injuriosa a ultima expressão. Muita | cantiga improvisada, muita gargalhada gostosa provocada pelo | menor incidente, calculos provaveis de uma boa feira e sauda-

A identificação desses testemunhos permitiu chegar às seguintes ponderações sobre o texto de “A enchente”:

- Há uma cópia de 1895, que denomino *A* – manuscrito autógrafo, cópia a limpo⁵, sem rasuras ou emendas;
- Há uma cópia impressa, que denomino *B*, transmitida por *Sergipenses*, de 1903;
- Haveria uma suposta cópia, que denomino α , que teria sido o “manuscrito de imprensa” da 1ª edição da obra *Sergipenses*;
- Há uma cópia de 1911/1912, lição definitiva do conto, que denomino *C* – manuscrito autógrafo, cópia a limpo, com a informação de que apresenta modificações e o desejo do autor de que integre a coletânea *Contos e Novelas Sergipenses* e não o livro *Sergipenses*. Para efeitos da edição crítica, este é o texto que servirá de base ao estabelecimento do texto crítico;
- Há uma cópia impressa, de 2013, que denomino *D*, reprodução da 1ª edição de *Sergipenses*.

Cotejo dos Testemunhos

Antes que se procedesse ao cotejo dos testemunhos de “A enchente”, os textos manuscritos foram transcritos semidiplomaticamente, com base nas “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do Português Brasileiro”, propostas por César Nardelli Cambraia *et al.* (2001, p. 23-26). Destaca-se nessas normas o compromisso com uma transcrição conservadora, que respeite ao máximo a lição do manuscrito, inserindo o mínimo possível de intervenções. Há que se observar, no entanto, que, para efeitos de demonstração do cotejo dos testemunhos, optou-se por

5. Deve-se supor que, se há cópias limpas, houve, no processo de escrita do conto, uma fase anterior ao texto propriamente dito, composta por esboços e rascunhos, com apresentação de correções autorais. Não são representadas aqui, no entanto, essas conjecturas.

não inserir nas transcrições a barra vertical (|) entre linhas ou a barra dupla vertical (||) entre parágrafos.

O quadro a seguir representa uma sistematização exaustiva das lições variantes entre os testemunhos do conto:

Quadro 1: Cotejo dos testemunhos do conto "A enchente"⁶

A (1895)	B (1903)	C (1911/1912)
estava uma manhã clarissima.	estava uma manhã clarissima.	estava uma manhan clarissima.
o sol surgira avermelhado	o sol surgira avermelhado	o sol surgia avermelhado
poz-se a caminho, em marcha calcante , com uma disposição	poz-se a caminho, em marcha calcante , com uma disposição	poz-se a caminho, com uma disposição
chapa de ferro e a poeira	chapa de ferro, e a poeira	chapa de ferro, e a poeira
de naturezas - o homem	de naturezas, - o homem	de naturezas, - o homem
o pachyderma -, que	o pachyderma, - que	o pachyderma -, que
vida errante dos nossos camponios	vida errante de nossos camponios	vida errante dos nossos camponios
O homem torna-se o seu burro,	O homem torna-se seu burro;	O homem torna-se seu burro,
quadrupedante, ama-o paternalmente, com disvelo, não lhe deixando fugir como bom pae e como bom amigo a oportunidade	quadrupedante, ama-o paternalmente, com disvelo, não deixando fugir, como bom pae e como bom amigo , a oportunidade	quadrupedante. Ama -o paternalmente, com disvelo, não deixando, como bom pae e como bom amigo ; fugir a oportunidade
Não confia-lhe o camponio, amanha, ali ;	Não confia-lhe o camponio, amanhã, ali ;	Não lhe confia o camponio, amanhan, alli ;
depois, mais longe, é sempre o burro a arca dos seus interesses; por elle é que transformase em cidadão; por elle é que fica sabido	depois, mais longe, sempre o burro é a arca dos seus interesses; por elle é que transformase em cidadão; por elle é que fica sabido	depois mais longe sempre o burro e a arca dos seus interesses. Por elle o tabareo transformase em cidadão, por sua causa é que fica sabido
os horizontes da sua aldeia .	os horisontes de sua frequenzia .	os horizontes da freguesia natal .
Porque não amal-o? É um servo que ensina a seu amo a sciencia da vida, como o escravo antigo com exemplo tocante de philosophia pratica incutia no senhor o espirito da moderação.	Por que não amal-o? É um servo que ensina a seu amo a sciencia da vida, como o escravo antigo com exemplo tocante de philosophia pratica incutia no senhor o espirito da moderação.	O burro é um servo que ensina a seu amo a sciencia da vida, como o escravo antigo com tocante philosophia prática incutia no senhor o espirito da moderação. Porque não amal-o?
Ora, a caravana	Ora a caravana	Ora, a caravana
gargalhada gostosa, provocada	gargalhada gostosa provocada	gargalhada gostosa, provocada

6. Exclui-se desse cotejo o testemunho D por ser reprodução do testemunho B, não apresentando, assim, nenhuma diferença textual.

sempre simelhante a si mesmo, não agradará por certo a quem sem um certo aprendizado; mas tem	sempre simelhante a si mesmo, não agradará por certo a quem busca pratical-o sem um certo aprendizado, mas tem	sempre semelhante a si mesmo, não agradar por certo sem previo aprendizado, mas tem
aquellas boccas rasgadas infloradas de riso	aquellas boccas rasgadas infloradas de riso	aquellas boccas rasgadas e infloradas de riso
no interesse, bem caro venderiam seus suores	no interesse, bem caro venderiam seus suores	no interesse, caro venderiam seus suores
a apologia da vida campestre; porque elles	a apologia da vida campestre: porque elles	a apologia da vida campestre; porque elles
Dirigiam-se á capital,	Dirigiam-se à capital,	Dirigiam-se á capital,
Era ahi nessa sorte de espaçosa estalagem que elles iam prover-se do necessario, e tambem ver e bisbilhotar, para terem o que contar de torna-viagem.	Era lá nessa sorte de espaçosa estalagem que iam prover-se do necessário; e tambem ver e bisbilhotar, para terem o que contar de torna-viagem.	Era lá naquella sorte de espaçosa estalagem que tambem iam prover-se do necessário; e igualmente iam ver e bisbilhotar para terem que contar de torna-viagem.
Dos estrangeiros .	Dos extrangeiros .	Dos estrangeiros .
para milhares de despreocupados , cheias de todos os enganos que podem tornar	para milhares de despreocupados , cheias de todos os enganos que podem tornar	para milhares de desoccupados , cheias de mil enganos que pódem tornar
a existencia facil, ellas possuem	a existencia facil, possuem	a existencia facil, ellas possuem
Londres, Paris , Nova-lork	Londres, Pariz , Nova-York	Londres, Paris , Nova-York
não são essencialmente nacionais; são rendez-vous	não são essencialmente nacionais; são rendez-vous	não são essencialmente nacionais. São rendez-vous
para tornar extensiva a todas ellas a phrase do poeta	para tornar extensiva a todas ellas a phrase do poeta	para tornar extensiva a todas a phrase do poeta
da sciencia, da arte ou da industria, essas grandes agglomerações do mundo tém entretanto notas dissonantes do caracter ethnico. Ahi não labuta o povo	da sciencia, da arte, ou da industria, as grandes agglomerações do mundo têm entretanto notas dissonantes do caracter ethnico. Não labuta nellas o povo	da sciencia, da arte ou da industria, as grandes agglomerações do mundo têm entretanto notas dissonantes do character ethnico. Não labuta nellas o povo
e sempre se adaptando e assimillando-se .	e sempre se adaptando e assimillando-se .	e sempre se adaptando e assimillando .
que revolucionara entrando triumphante	que revolucionara , entrando triumphante	que tudo revolucionou entrando triumphante
estacou, ao menos por momentos de periodos, diante das imperfeitas argamassas	estacou ao menos por momentos de periodos diante das imperfeitas argamassas	estacou ao menos por momentos de periodos, diante das imperfeitas argamassas
E a religião dos Cezares, bani-da dos pantheons,	E a religião dos Cezares, bani-das dos pantheons,	E a religião dos Cezares, bani-da dos pantheons,
uma expressão mais simples - o paganismo -, que todavia denotava	uma expressão mais simples - o paganismo -, que todavia denotava	uma expressão mais simples - o paganismo -, a qual todavia denotava

De cidadã transformou-se em aldeiã .	De cidadã transformou se em aldeiã .	De cidadan transformou-se em aldeian .
contingencia deste, como de todo	contingencia deste como de todo	contingencia deste, como de todo
producto da civilisação ,	producto da civilisação ,	producto da civilização ,
É ainda como religião dos pagos	É ainda como a religião dos pagos	Ainda hoje é como a religião dos pagos
do christianismo , que não tendo podido extinguila-a pela persuasão tractou de assimillal-a.	do christianismo , que não tendo podido extenguil-a pela persuasão, tractou de assimillal-a.	do Christianismo ; o qual, não tendo podido extinguil-a pela persuasão, tratou de assimillal-a.
A cidade é tudo: é a attracção, o encanto; são os multiplos	A cidade é tudo: è a attracção, o encanto; são os multiplos	A cidade é tudo: é a attracção, o encanto. São os multiplos
facil ou arrastada; mas não será o povo ;	facil ou arrastada; mas não será o novo ,	facil, ou arrastada, mas não será o povo ,
Esse , adora-a	Esse , adora-a	Este , adora-a
a que sujeitam-se os camponios	a que sujeitam-se os camponios	a que sujeitam os camponios
Ir á cidade,	Ir à cidade,	Ir á cidade,
após cada satisfacção .	Após cada satisfação .	Após cada satisfacção .
O tabaréo do Lagarto	O tabarèo do Lagarto	O tabareo do Lagarto
seja visto nas feiras da capital.	Seja visto na feira da capital.	Seja visto na feira da capital.
Portanto , o comboio	Portanto , o comboio	E o comboio
e já lá para as bandas do occidente as nuvens offerciam o aspecto carregado da côr do chumbo.	e já lá para as bandas do occidente as nuvens offerciam o aspecto carregado e côr do chumbo.	e para as bandas do occidente já as nuvens offerciam o aspecto carregado e côr de chumbo.
a principio como um ruflar continuo	á principio como um ruflar continuo	a principio como um ruflar continuo
tecto, e estalou a tempestade.	tecto, e estalou a tempestade.	tecto. E estalou a tempestade.
transtôrno na arrumação!	transtorno na arrumação!	transtorno na arrumação!
formava já um rio	já formava um rio	já formava um rio
uma única passagem accessivel	uma única passagem pouco accessivel	uma única passagem pouco accessivel
Tóca de lá aquelle fardo...	Toca de lá aquelle fardo...	Tóca de lá aquelle fardo...
- Tem paciencia, homem! aco-dia outro.	- Tem paciencia, homem! acu-dia outro.	- Tem paciencia, homem!, aco-dia outro.
- Qual paciencia, nem meia paciencia...	- Qual paciencia nem meia paciencia...	- Qual paciencia nem meia paciencia...
- Minha farinha molhada! Que infelicidade esta a minha!	- Minha farinha, molhada! Que infelicidade esta minha!	- Minha farinha molhada! Que infelicidade esta a minha!
- Tóca! Tóca que temos carro no atoleiro.	- Toca! Toca que temos carro no atoleiro.	- Toca! Toca que temos carro no atoleiro.
De repente estrugio um grito	De repente, estrugio um grito	De repente, estrugio um grito

em que não obstante se pode- ra apreciar nas suas ondu- lações	em que não obstante se se pudera apreciar em suas ondulações	no qual não obstante se po- dera apreciar em suas ondu- lações
- Nada de medo. Segue.	- Nada de medo. Segue!	- Nada de medo, segue!
De certo, esse espectáculo da natureza	De certo, o espectáculo da natureza	De certo, o espectáculo da natureza,
que se lhe pode applicar	que se lhe póde applicar	tão bello, que se lhe póde applicar
dissera da aurora	dissera da aurora	dissera da aurora em particular
vemos de novo -	vemos de novo -	vemos de novo -,
O rio ainda não havia trans- posto as ribanceiras, cujas	Ainda o rio não havia trans- posto as ribanceiras cujas	Ainda o rio não tinha trans- posto cujas
já immersas pareciam deveras immensos lençóes estendidos .	já immersas deveras pare- ciam immensos lençóes esten- didos .	já immersas deveras pareciam immensos lençóes extendidos .
Assistia-se a elaboração do diluvio	Assistia-se á elaboração do diluvio	Assistia-se á elaboração do diluvio
Em breve seria tudo mar de Hespanha,	Em breve tudo seria mar de Hespanha,	Em breve tudo seria mar de Hespanha,
Isso, sem fallar das aguas das cabeceiras, que vinham de viagem, com sua quota de destruição .	Isso, sem fallar das aguas das cabeceiras, que vinham de viagem, com sua quota de destruição .	Isso, sem fallarmos das aguas das cabeceiras, as quaes vinham de viagem com sua quota de destruição .
do animal, que fazia um nado- sinho somente na passagem do perau ou canal do rio.	do animal, que faria um nado- sinho somente na passagem do perau ou canal do rio.	do animal. Este fazia um na- dosinho somente na passagem do perau ou do canal do rio.
rapazola affoito e destemido, demorou-se enquanto concer- tava	rapazola affouto e destemido, demorou-se emquanto concer- tava	rapazola afuito e destemido, demorou-se emquanto concer- tava
Valeu-lhe em verdade a pujança dos braços , era bom nadador,	Valeu-lhe em verdade a pujança, era bom nadador,	Valeu-lhe em verdade a pujança, era bom nadador,
que é impaciente, deu-lhe pon- tapé .	Que è impaciente, deu-lhe ponta pé .	Que é impaciente, deu-lhe o ponta-pé .
que já de espaço	que já de espaço	que de espaço
de uma féra monstruosa,	de uma fêra monstruosa,	de fera monstruosa,
Cobrirá-o junctamente com o burro; vem a segunda	Cubrirá-o juntamente com o burro; vem a segunda	Cobrirá-o justamente com o burro. Vem a segunda
mergulha-o de novo, mais eil-o que surge	mergulha-o de novo mas eil-o que surge	mergulha-o de novo, mas eil-o que surge
grande arvore, que naquele momento	grande arvore que naquele momento	grande arvore que naquele momento
- Salvo! -	- Salvo!	- Salvo!, -
pernas do cavalleiro ,	pernas do cavalleiro ,	pernas do dono ,

com celeridade medonha . O choque turbara-o; gyrara como uma serpente tonta, sem forças para resistir á correnteza... Affogara-se.	com celeridade medonha . O choque turbara-o; gyrara como uma serpente tonta que se affoga , sem forças para resistir á correnteza... Affogara-se.	com celeridade. O choque turbara-o. Girou como uma serpente tonta que se affoga , sem forças para resistir á correnteza... Affogou-se.
Foram as ultimas palavras do rapaz nessa desastrada viagem.	Forão as ultimas palavras do rapaz na desastrada viagem.	Foram as derradeiras palavras do rapaz na desastrada viagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

O cotejo indica que o texto do testemunho A foi alterado antes de ser publicado pela primeira vez na obra *Sergipenses*, em 1903. Alterações presentes na edição *princeps*, relativas à pontuação, acréscimo e substituição de palavras e mudança na estrutura da frase são reproduzidas no manuscrito de 1911/1912, testemunho C, de modo que se conjectura que tais alterações não foram inseridas pelo editor da publicação, mas pelo próprio Oliveira Telles, em uma cópia de imprensa, que se reputa perdida.

Identificam-se em A e B uma série de variantes substantivas, que dizem respeito à estrutura linguística e semântica do texto e nas quais, segundo Spaggiari e Perugi (2004, p. 61), repousam a autoridade de um testemunho. Dentre elas, destacam-se: *não **lhe** deixando fugir/ não deixando fugir*; *os **horizontes da sua aldeia/ os horisontes de sua freguesia***; *Era **ahi** nessa sorte/ Era **lá** nessa sorte*; *que **elles** iam/ que iam*; ***essas** grandes aglomerações/ **as** grandes aglomerações*; ***Ahi** não labuta o povo/ Não labuta **nellas** o povo*; *mas não será o **povo/ mas não será o novo***; ***nas feiras da capital./ na feira da capital.***; *passagem **accessivel/ passagem pouco accessivel***; ***formava já um rio/ já formava um rio***; ***O rio ainda não havia transposto/ Ainda o rio não havia transposto***; *a **pujança dos braços, era bom nadador/ a pujança, era bom nadador***; *como uma serpente tonta, sem forças/ como uma serpente tonta **que se affoga, sem forças***.

Quando há divergência entre os testemunhos A e B, embora se reconheçam em C algumas lições de A, a tendência é para a lição de B, mais recente, como pode ser observado, por exemplo, na ausência de artigo definido (*torna-se [] seu burro*), na inserção de artigo definido (*como **a** religião*), na ausência de artigo contrato à preposição (***em** suas ondulações*), na supressão de palavras e sintagmas (*que [] **tambem** iam; a **pujança** [],*), na inserção de palavras e sintagmas (*passagem **pouco** accessivel; tonta **que se affoga, sem forças***), em substituições (*aldeia/ **freguesia**; ahi/ **lá**; essas/ **as**; ahi/ **nellas**; nas feiras/ **na feira**; da/ **e**; esse/ **o***) e na inversão da ordem (***já formava; Ainda o rio; deveras pareciam; tudo seria***).

O testemunho C apresenta inovações importantes de ordem linguística que o afastam dos demais testemunhos e, em alguns casos, interferem no sentido do texto, como supressões, mudanças de forma verbal, inserções, substituições, reestruturações de parágrafo e mudança da ordem de palavras e sintagmas. Em A e B, tem-se *poz-se*

a caminho, **em marcha calcante**; por **elle é que** transforma-se; com **exemplo** tocante de *philosophia* **prática**; no interesse, **bem** caro venderiam seus suores; para terem o que contar de torna-viagem; a todas **ellas** a phrase do poeta; se adaptando e **assimillando-se**, palavras e sintagmas em destaque que foram suprimidos em C. Ademais, as formas verbais de A e B **agradará, revolucionara, havia, fallar, gyrara** e **Affogara-se** foram modificadas em C para **agradar, revolucionou, tinha, falarmos, girou** e **Affogou-se**, respectivamente.

Em C, Oliveira Telles também insere informações que não constam nos testemunhos A e B: *Por elle* o **tabareo** transforma-se; os horizontes da freguesia **natal**; **O burro** é um servo; que **tambem** iam prover-se; que **tudo** revolucionou. Foram substituídos os elementos em destaque: *por elle é que fica sabido/ por sua causa é que fica sabido*; sem **um certo** aprendizado/ sem **previo** aprendizado; Era lá **nessa** sorte/ Era lá **naquella** sorte; e **tambem** ver e bisbilhotar/ e **igualmente iam** ver e bisbilhotar; para milhares de **despreocupados**/ para milhares de **desoccupados**; **todos os** enganados/ **mil** enganados; **que** todavia denotava/ **a qual** todavia denotava; **Esse**, adora-a/ **Este**, adora-a; **Portanto**, o comboio/ **E** o comboio; **junctamente** com o burro/ **justamente** com o burro; as **ultimas** palavras/ as **derradeiras** palavras; **que** vinham de viagem/ **as quaes** vinham de viagem; pernas do **cavalleiro**/ pernas do **dono**.

Observa-se a reestruturação de parágrafos no testemunho C em relação aos testemunhos A e B: *quadrupedante, ama-o paternalmente, / quadrupedante. Ama-o paternalmente,; interesses; por elle / interesses. Por elle; Por que não amal-o? [...] o espirito da moderação/ [...] o espirito da moderação. Porque não amal-o?* Identifica-se ainda a mudança da ordem de palavras e sintagmas em C: *não deixando fugir, como bom pae e como bom amigo, a oportunidade/ não deixando, como bom pae e como bom amigo; fugir a oportunidade; Não confia-lhe o campônio/ Não lhe confia o camponio; É ainda como/ Ainda hoje é como.*

O cotejo realizado permitiu chegar à seguinte possibilidade de estema:

Figura 5: Estema da tradição do conto "A enchente"



Fonte: Dados da pesquisa.

A lição do testemunho A seria a cópia localizada mais antiga do conto “A enchente”, que, posteriormente, teria sido modificada e inserida no manuscrito de *Sergipenses* que foi enviado para publicação (reputa-se perdido, daí α), resultando na edição *princeps* de obra, de 1903 – testemunho B. O testemunho C, manuscrito de 1911/1912, que é a última forma localizada dada ao texto por Oliveira Telles, seria proveniente do testemunho A, com contaminação de α . O testemunho D é a segunda edição de *Sergipenses*, de 2013, reprodução fiel da primeira edição.

Demonstração do texto crítico e seu aparato

“A enchente” é um texto literário moderno que possui uma tradição testemunhal na qual se reconhecem variantes autorais, mas os testemunhos manuscritos localizados são todos cópias limpas e não esboços e rascunhos. Isso quer dizer que não é possível representar todos os diferentes estados de “A enchente” rumo à forma final dada por seu autor, como requer a crítica genética. Esse conto não apresenta, portanto, um dossiê genético completo, porque lhe falta o prototexto⁷. No entanto, o material disponível relativo ao conto apresenta uma rede de operações escriturais que permitem levantar uma série de hipóteses sobre a dinâmica de sua produção, como observa Grésillon (2007, p. 19), o que é próprio do método da crítica genética.

Considerando que o que se conhece do conto “A enchente” parte de suas edições impressas, as quais não representam a intenção final de Oliveira Telles, outra perspectiva de trabalho que se abre para esse texto é a fixação de sua lição definitiva ou última vontade de seu autor, conforme os parâmetros da crítica textual, cujo objetivo principal é “a restituição da forma genuína dos textos” (CAMBRAIA, 2005, p. 1).

Dessa forma, justifica-se a escolha da edição crítico-genética como proposta de trabalho, uma vez que busca reconstituir a última vontade textual do autor ao mesmo tempo em que reconstitui a ordem sucessiva do texto, o seu processo de criação. Conforme aponta Castro (1991, p. 31):

[...] enquanto *crítica*, esta edição procura fixar um texto mais autorizado (isto é, mais próximo da vontade reconstituível do autor); quanto *genética*, procura documentar o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto.

7. “O conjunto constituído pelos rascunhos, manuscritos, provas, ‘variantes’, visto sob o ângulo do que precede materialmente uma obra quando essa é tratada como um texto, e que pode estabelecer uma relação com ela. (BELLEMIN-NOËL, 1972 *apud* GRÉSILLON, 2007, p. 149 – grifos do autor).

Segue a apresentação de um exemplo da proposta:

A enchente*

Quando o comboio partio fazia tempo
limpo, estava uma manhan clarissima.
Mas o sol surgia avermelhado e
sem raios, signal de muito mormaço.
O comboio poz-se a caminho, com uma
disposição reciprocamente costumeira
de burros e de almocreves. O solo retinia
sob cada pata como soe vibrar uma
chapa de ferro, e a poeira levantava-se
de cada pé. Uma identificação
de naturezas, – o homem e o
pachyderma –, que nada affectava
da civilização, mas em todo
caso original; pois a vida
errante dos nossos camponios determina
essa camaradagem, que não obstante
não é atavica nem nua de sympathias.
O homem torna-se seu burro, inveja-lhe
o espirito quadrupedante. Ama-o
paternalmente, com disvelo, não deixando

A, B *manhã*

A, B *surgira*

A, B *caminho, em marcha calcante,*

A *de ferro* **B** *de ferro,*

A *naturezas – o homem* **B** *naturezas, – o homem*

A *pachyderma –, que* **B** *pachyderma, – que*

A *dos* **B** *de*

A *burro,* **B** *burro;*

A, B *quadrupedante, ama-o*

Considerações Finais

Explorar o acervo pessoal de Manuel dos Passos de Oliveira Telles, remexendo seus papeis, permitiu trazer à luz a vertente literária desse autor brasileiro ainda desconhecido do grande público e acompanhar o processo de composição de um de seus textos.

O trabalho aqui realizado deu conta de apresentar um cotejo “das diferentes autoridades próprias de cada testemunho”, conforme expresso por Spaggiari e Perugi (2004, p. 62), e permitiu que se reafirmasse que um texto não é um produto, mas um processo que demanda diversas etapas. Ademais, nem sempre o texto impresso reflete a última vontade de um autor, seja porque outras mãos interferem em sua composição, seja porque o autor pode mudar de ideia, pode voltar atrás e fazer alterações.

A proposta de edição crítico-genética aqui apresentada atentou-se para as características da última forma do texto dada pelo autor, mas também buscou a elucidação de um trabalho de escrita. Assim, espera-se que a edição pronta, com o texto fixado de acordo com a vontade autoral definitiva, traga contribuições significativas para o entendimento do estilo de Oliveira Telles e permita preencher uma lacuna no campo dos estudos literários sobre o autor, de modo a valorar sua produção intelectual em âmbito local e nacional.

Referências

- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMBRAIA, César Nardelli *et al.* Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português brasileiro. In: *A carta de Pero Vaz de Caminha*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP, 2001, p. 23-26.
- CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- CASTRO, Ivo. O Retorno à Filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 511-520.
- CHIZOLINI, Isabela Costa. *Simplemente um obscuro intelectual sergipano: escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)*. 2005. 130f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.
- COSTA, Renata Ferreira. Ler e editar “Contos e Novelas Sergipenses”, de Manuel dos Passos de Oliveira Telles. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 3, p. 51-70, jan./fev./mar./abr. 2017.
- FREITAS, Itamar. Os Sergipenses de Oliveira Telles. *A Semana em Foco*, Aracaju, p. 10A-10A, 26 set. 2004.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck *et al.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- LIMA, Jackson da Silva. Uma lição de sergipanidade. In: TELLES, Manuel de Oliveira. *Sergipenses (escritos diversos)*. 2. ed. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju, IHGSE, 2013, p. 9-17.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.